

6909-5



# GRUPO DE ARTILHARIA DE CAMPANHA EM APOIO ÀS BRIGADAS BLINDADAS

Roberto Jugurta Camara Senna

## CARACTERÍSTICAS DAS OPERAÇÕES DAS FORÇAS BLINDADAS

**A**s operações de forças blindadas, realizadas pela Cavalaria ou Infantaria, caracterizam-se pela mobilidade e flexibilidade, possibilitando a surpresa, a rápida concentração e dispersão dos meios, o cumprimento de missões múltiplas com rápidos engajamentos e desengajamentos, e frequentes mudanças nas organizações para o combate, formações e direção de movimento. Empregam elementos de manobra que atuam descentralizadamente, combinando carros de combate, fuzileiros blindados, elementos mecanizados ou aeromóveis, apoiados por artilharia e força aérea, numa integração de fogo e movimento em ações violentas e agressivas. Exigem grandes espaços e cuidadosa coordenação.

A velocidade das operações e a rapidez nas mudanças de situação tática exigem dos diversos Comandantes o máximo emprego de ordens fragmentárias, para cumprimento a curto prazo, nor-

malmente via rádio, especificando o "que" fazer e não "como" fazer e acarretando estudos de situação e reconhecimentos com grandes restrições de tempo.

## Peculiaridades no emprego do GAC

A fim de prestar um apoio de fogo adequado aos elementos de manobra da Brigada, o seu GAC autopropulsado orgânico deve possuir algumas características de emprego peculiares à natureza dessas operações, particularmente com forças blindadas atuando em AOC (áreas operacionais do continente).

As mudanças de posição são frequentes pois, com maior rapidez nas progressões; os elementos apoiados atingem, a curto prazo, o alcance máximo do material. Na velocidade normal do ataque com blindados (5 km/h), as baterias de um GAC permanecerão em média o tempo de uma hora e meia em cada posição. O prazo médio para uma FT Esqd CC (ou Fzo Bld) iniciar uma conduta de ataque em aproveitamento do êxito ou



reconhecimento sendo da ordem de 1 hora, exigirá que a Artilharia normalmente intervenha pelo fogo antecipando-se ao desdobramento dessa FT.

A possibilidade de ocupar posição de manobra em curto prazo de tempo determina um maior grau de adestramento das baterias na técnica do REOP com tempo restrito, mensagens de tiro e regulações abreviadas, reduzido número de rajadas nas ajustagens e levantamento topográfico expedito. Devem, portanto, as Baterias estar em condições de ocupar posição e abrir fogo com PTI ou PTT por inspeção num prazo médio de 15 minutos (além do tempo de deslocamento), o desencadeamento da eficácia no máximo após a segunda rajada da ajustagem. O grupo centralizado a base de PTT por inspeção deve abrir fogo, em princípio, até 45 minutos a partir da chegada à posição. Qualquer pedido de tiro deverá ser atendido com uma primeira rajada no prazo de 1 minuto.

É comum a articulação de Baterias em apoio direto a elementos de manobra ou mesmo o fracionamento do Grupo, com Baterias reforçando as FT RCC ou BIB. Isso a fim de atender as largas frentes e ao apoio cerrado e contínuo ao deslocamento da Brigada por diversos eixos.

Em situações de aproveitamento do êxito o grupo posiciona-se no dispositivo de progressão da Brigada o mais à frente possível. Normalmente uma Bateria é colocada à retaguarda das forças-tarefa de Subunidade que atuam como vanguarda e o restante do Grupo desloca-se imediatamente após as Unidades em 1ª escalação em condições de atuar em proveito desses elementos. É normal o emprego parcelado do Grupo. Os ele-

mentos de reconhecimento do Grupo e das Baterias devem ser posicionados o mais à frente, reconhecendo as prováveis áreas de desdobramento levantadas na carta e realizando, se for o caso, os reconhecimentos e mesmo preparando posições que possibilitem a rápida ocupação e abertura do fogo.

As Baterias devem atuar com um maior grau de autonomia, deslocando-se por itinerários diferentes, reconhecendo, ocupando posição e realizando o tiro com suas próprias centrais de tiro, particularmente ao longo das sucessivas posições de manobra.

São utilizadas com bastante frequência as pranchetas de tiro tipo PTI, PTO e PTT por inspeção na carta ou fotografia e posteriormente, se houver possibilidade, o aperfeiçoamento pelo levantamento topográfico. A rapidez das operações, acarretará a realização de tiros sem a possibilidade de adoção de uma técnica de tiro com a precisão normalmente exigida em situações mais estáticas. Essa menor precisão, particularmente causada pela restrição para o levantamento topográfico acarreta um maior número de missões tipo ajustarei em lugar de tiros previstos, sondagens meteorológicas, correções especiais e associação.

A grande profundidade e as largas frentes em que atuam as Brigadas Blindadas, particularmente em AOC, associada à deficiência de cartas precisas e em escalas adequadas (1:25.000), forçam a utilização de cartas em escalas maiores, esboços e mapas civis. As coordenadas retiradas nas cartas topográficas, quaisquer que sejam as escalas, poderão ser transportadas para uma prancheta 1:25 000, porém, na ausência destas, a solução a curto prazo será a PTI ou a PTO.



Os fogos de Artilharia em apoio às forças blindadas em progressão normalmente serão desencadeados prioritariamente contra as armas anticarro do inimigo, seus postos de observação, radares e meios de apoio de fogo. Deverá haver um largo emprego de munição fumígena com o objetivo de cegar a observação inimiga, impedir a pontaria do armamento anticarro ou proteger nossos movimentos batendo flancos expostos, cobrindo e dissimulando a progressão de Unidades ou a travessia dos cursos d'água. Os fumígenos deverão ser empregados mesmo à noite, a fim de neutralizar os visores infravermelhos.

Os meios modernos de busca de alvos inimigos possibilitarão a fácil detecção da Artilharia, particularmente durante os movimentos e a execução dos tiros. Por isso, medidas devem ser tomadas para evitar ao máximo a nossa detecção e os conseqüentes fogos de contra-bateria e os ataques aéreos. Realização de regulações abreviadas; regulações para a retaguarda; utilização de cargas maiores e, conseqüentemente, trajetórias mais tensas, com menores durações do trajeto para dificultar a identificação pelos radares; permanência de um menor tempo na posição após a realização de grande número de tiros mediante mudança para posições de troca; deslocamento das Baterias por diferentes itinerários, desenfiados e com escalonamento em tempo são medidas que podem ser adotadas dentro das possibilidades.

A observação avançada, devido à grande velocidade das operações, requer o embarque do OA em carro de combate ou viatura blindada. A condução do tiro da própria viatura, mesmo em movimento, exige uma preocupação constante em manter-se orientado. Será pouco freqüente a ocupação de PO fixos

na forma convencional, a não ser no desembocar do ataque. Como não é prevista viatura blindada para o OA, será necessário o seu embarque em uma das viaturas da Companhia ou Esquadrão a que foi designado, preferencialmente a do Comandante de Subunidade o que poderá acarretar problemas de espaço, comunicações e antigüidade no comando da viatura. Isso deve ser solucionado no âmbito da Brigada por intermédio de uma NGA específica.

Durante a progressão, particularmente nos assaltos embarcados face a fracas resistências, podem os elementos de manobra pedir concentrações com tiro-tempo poucos metros à frente ou mesmo sobre seus próprios carros de combate a fim de manter o inimigo abrigado no interior dos espaldões, impedindo-o de realizar a pontaria sobre a tropa atacante. Menores preocupações com o fator segurança, em virtude da proteção blindada oferecida pelo material AP, possibilitam a ocupação de posições mais avançadas e com menor proteção por massas cobridoras.

O reforço à Brigada com meios adicionais de Artilharia (Bateria ou mesmo Grupo) muitas vezes de materiais 155mm ou Lançador Múltiplo, é normal quando atuando em operações descentralizadas. Neste caso, esse meio em reforço poderá atuar centralizado com o GAC orgânico, ficar em apoio direto ou mesmo reforçar um elemento de manobra.

O ideal seria que o Grupo de Artilharia orgânico das Brigadas Blindadas fosse dotado do material 155mm autopropulsado, como ocorre nos países mais desenvolvidos militarmente. Isso se justifica pelo maior alcance (15 km) e poder destruidor de sua granada. Os objetivos a serem conquistados pelas forças blindadas, normalmente são bem mais pro-



fundos e forcem uma mudança para uma posição de manobra intermediária que permita apoiá-lo, o que não ocorreria se o material fosse o 155mm devido ao seu maior alcance. Além disso, os efeitos de arrebetamento de uma granada 155mm possibilitam a neutralização de um carro de combate moderno o que normalmente não ocorre com a granada 105mm.

## CONCLUSÃO

Procuramos reunir neste trabalho algumas peculiaridades do emprego do GAC orgânico das Brigadas de Infantaria e Cavalaria Blindadas, objetivando contribuir para um aprimoramento no adestramento de nossa Artilharia. Os aspectos táticos e técnicos aqui consolidados foram baseados na moderna doutrina do emprego de blindados adaptada às limitações de nossos meios e as características das operações nas áreas de operações do continente. Muito pouco necessita ser modificado em termos de tática e técnica. São necessárias, apenas, algumas adaptações e que possibilitem à Artilharia apoiar operações mais rápidas e, con-

seqüentemente, com maiores restrições de tempo para planejamentos, reconhecimentos, ocupações e cálculos de tiro. Os elementos de apoio de fogo e os de manobra blindados devem, com mais razão, aprender a trabalhar juntos. Para isso, as instruções dos observadores avançados, oficiais de ligação e oficiais de reconhecimento devem, não somente ser realizadas junto com os exercícios do próprio Governo, como também por ocasião dos exercícios táticos dos RCC e BIB.

Excelente adestramento dos oficiais de um GAC pode ser obtido com a participação junto aos exercícios dos Regimentos e Batalhões, realizando estudos de situação, trabalhos de planejamento de fogos, coordenação do apoio de fogo, reconhecimentos, planejamentos topográficos, exploração do sistema de comunicações, mesmo sem a realização do tiro real ou até a presença das peças caso hajam restrições de munição, campos de tiro ou combustível.

Esperamos que este trabalho possa ser de alguma forma útil à instrução de nossa Artilharia.



*O Maj Art Roberto Jugurtha Camara Senna é da turma de 1962 da Academia Militar das Agulhas Negras. Possui os cursos de Artilharia da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais; Pára-quedista e Comando, na Brigada Pára-quedista; Avançado de Artilharia nos Estados Unidos; e Comando e Estado-Maior na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro. Foi instrutor da Seção de Instrução Especial e do Curso de Artilharia da AMAN. Serviu no 31 GPC (Es), 89 GAC Pqdt e no Comando da 6ª Região Militar. Exerce atualmente a função de Instrutor de Artilharia da ECEME.*